



CORPO EM EVIDÊNCIA: A CIÊNCIA E A REDEFINIÇÃO DO HUMANO

Paulo Henrique Amorim Biazoli*

O livro *Corpo em evidência: a ciência e a redefinição do humano*, de Francisco Ortega e Rafaela Zorzaneli, toma como foco os diferentes meios pelos quais o corpo tem sido colocado em evidência na sociedade contemporânea.

A julgar pela vasta bibliografia referenciada em suas últimas páginas, com contundentes e reincidentes referências médicas, psicanalíticas, psicológicas, tecnológicas, sociais, antropológicas e filosóficas, que abarcam ideias vinculadas, entre outras, em produções de Georges Canguillen, Willian James, Hannah Arendt, Guy Debord, Didi-Huberman, Sigmund Freud, Michael Foucault, Claude Lévi-Strauss, emerge, das quase duzentas páginas da obra, a possibilidade de compreender, em meio a esse universo relacional descrito, como o corpo tem sido colocado em evidência na sociedade contemporânea.

O trânsito das ideias que busca essa compreensão almejada tem início com a descrição e reflexão sobre as técnicas de visualização do corpo e de ascensão a ele – dissecação de cadáveres, deduções com base na observação externa e introdução de tecnologias médicas (estetoscópio, raios x, ressonância magnética, tomografia computadorizada etc.) –, revelando um modelo de corpo apreendido essencialmente em seu aspecto visual, fadado à adjetivação de "objeto", sobre o qual são depositados todos esses conhecimentos objetivantes, peculiar aos sons e principalmente às imagens.

Essa espécie de "adestramento" do corpo aos interesses médicos, a conseqüente "ampliação de suas aptidões" médicas relatadas, a "extorsão de suas forças" produtivas para diagnósticos e, em razão disso, sua "utilidade" nos remetem ao entendimento como corpo-máquina, apontado por Foucault (1999, p. 72), em *História da sexualidade – a vontade de saber*, como uma "disciplina do corpo", responsável pelo desenvolvimento de uma cultura de poder sobre a vida, ou melhor, de um mecanismo de investidura sobre a vida, alvo de discussão dos autores no segundo capítulo do livro, em que se destacam "as vicissitudes da biopolítica e seus novos sentidos para o corpo" (FOUCAULT, 1999, p. 69).

* Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM).

Ao (re)visitarem, nessa ordem, os conceitos de poder e de sexualidade, os autores apresentam nuances que a atualidade atribui às relações de poder sobre o corpo, destacando a forma como passa a ser exercida a biopolítica da população, esta última, agora, responsável direta por sua saúde, deslocando o Estado de tal função e a prevalência de outros valores – DNA, células-tronco, congelamento de óvulos –, em detrimento da sexualidade, a tecnologia de poder do século XIX.

O desenvolvimento das biotecnologias e as decifrações do código genético promoveram uma corrida desenfreada que objetiva a conquista da saúde, impondo-a como valor prioritariamente visado, o que leva os autores a discorrer, ainda que brevemente, sobre as asserções de Canguillen acerca dos conceitos de normal, patológico, saúde e doença.

Aspectos relacionados às neurociências, às doenças *sine materia* e à ascensão das síndromes funcionais compõem os dois capítulos seguintes da obra. Nesse momento, os autores destacam, exaustiva e repetidamente, a relação entre corpo, cultura e doença. Mostram como a produção de sintomas acompanha os “quadros nosológicos” vigentes na cultura e afirmam que os pacientes constroem os próprios diagnósticos impulsionados por informações culturalmente disponíveis em elementos midiáticos.

O propósito de compreender o processo de redefinição do humano e a forma como o corpo tem sido colocado em evidência na sociedade contemporânea a partir de um *pot-pourri* de ideias têm seu lado positivo: oferecer referências diversas e, conseqüentemente, a possibilidade de ampliação de conhecimentos sobre referido processo. Vale como introdução.

Os efeitos do dispositivo biopolítico passam pela estimulação do corpo, pela intensificação dos prazeres, pela incitação ao discurso, pela formação de conhecimentos, pelo reforço dos controles e das resistências. É por isso que no século XIX a sexualidade foi esmiuçada em seus mínimos detalhes, foi desencavada nas condutas, perseguida nos sonhos, suspeitada por trás das mínimas loucuras, seguida até os primeiros anos da infância e tornou-se chave da individualidade, ou seja, aquilo que permitiria analisá-la e, ao mesmo tempo, constituir-la. Ela se torna tema de operações políticas, de intervenções econômicas (por meio de incitações ou freio à procriação), de campanhas ideológicas de moralização ou responsabilização. É empregada como índice de força de uma sociedade, revelando tanto sua energia política como seu vigor biológico (ORTEGA; ZORZANELLI, 2010, p. 72).

ORTEGA, F.; ZORZANELLI, R. *Corpo em evidência: a ciência e a redefinição do humano*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. 189 p.